

## *Crítica e erudição em João Ribeiro\**

ROGÉRIO ROSA RODRIGUES\*\*

Universidade do Estado de Santa Catarina

**Resumo:** O artigo tem como proposta analisar a atuação de João Ribeiro como crítico e erudito. Esse objetivo geral será desdobrado em duas partes. A primeira visa identificar a relação do autor com as raízes da historiografia do século XIX. A segunda tem como meta perscrutar as bases teóricas de sua concepção de narrativa histórica. A fonte de referência para o trabalho consiste em três textos de crítica publicados por ocasião do lançamento, em 1927, da terceira edição de *História Geral do Brasil* de Francisco Adolfo de Varnhagen. A hipótese defendida é de que Ribeiro não se afastou completamente do regime historiográfico oitocentista brasileiro. O argumento está centrado nos elogios feitos à obra do Visconde de Porto Seguro, nos autores de referência para suas produções, bem como no próprio exercício de pesquisa que efetuou em sua trajetória intelectual, principalmente em ensaios de análise e crítica documental.

**Palavras-Chave:** João Ribeiro; Narrativa histórica; Varnhagen.

**Abstract:** The article aims to analyze the performance of John Ribeiro as a critic and scholar. This general objective will be divided into two parts. The first is to identify the author's relationship with the roots of the historiography of the nineteenth century. The second aims to scrutinize the theoretical foundations of his conception of historical narrative. The source

---

\* Artigo submetido à avaliação em 10 de junho de 2013 e aprovado para publicação em 12 de agosto de 2013.

\*\* Professor Adjunto de Teoria e Metodologia da História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008).

of reference for the work consists of three critical texts published on the occasion of the launch, in 1927, of the General History of Brazil third edition's Francisco Adolfo de Varnhagen. The hypothesis put forward is that Ribeiro did not far away completely from the nineteenth century Brazilian historiographical regime. The argument is focus in praise of the work of the Viscount of Porto Seguro, the referencial authors for their productions, as well as the very year of research carried out in his intellectual trajectory, especially in essays and documental critics.

**Keywords:** João Ribeiro; Historical narrative; Varnhagen.

## Introdução

Nascido na cidade de Laranjeiras, Sergipe, João Ribeiro (1860-1934) foi recebido na Academia Brasileira de Letras em 1898 pelos trabalhos relacionados à poesia. De acordo com Patrícia Hansen, sua inserção no círculo dos intelectuais radicados na capital do Império se daria pelas mãos de seu de conterrâneo, Silvio Romero, que, “após ler os originais de *Idílios Modernos*, uma coletânea de poesias de João Ribeiro”, redigiu e publicou uma crítica elogiosa sobre seus versos na *Revista Brasileira* (HANSEN, 2000, p. 14).

Além da ABL, João Ribeiro teve uma breve estadia como oficial da Secretaria da Biblioteca Nacional (1885-1890) até ingressar no quadro docente do prestigiado Colégio Pedro II em 1890. No ano de 1915 foi acolhido por Ramiz Galvão no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em sua atividade intelectual publicou trabalhos na área de folclore, crítica literária, história, ficção e filologia. Também foi tradutor. Sua entrada no *métier d'historiens* ocorreu após o sucesso alcançado com a publicação, em 1900, do manual didático *História do Brasil: curso superior*.

A breve menção às áreas de produção intelectual e às instituições em que esteve ligado, tem como objetivo ressaltar a inserção deste polígrafo no campo da erudição. Conforme argumento desenvolvido abaixo, Ribeiro fundamentou suas pesquisas na visita a arquivos e leituras de clássicos da

Antiguidade. Seu repertório intelectual e sua produção em várias áreas não o singulariza entre os seus contemporâneos,<sup>1</sup> mas ajuda a inseri-lo no tempo e lugar social do qual fazia parte.

*História do Brasil: curso superior* não foi o primeiro, tampouco o único manual didático escrito por Ribeiro. No seu currículo constam ainda: *História Antiga: oriente e Grécia* (1892), *Compêndio de História da Literatura Brasileira* (1906), *História Universal* (1918) e *História da Civilização* (1932). Cabe mencionar que, em 1900, também lançou *História do Brasil: curso primário* e *História do Brasil: curso médio*.

Malgrado João Ribeiro ter publicado quase uma dezena de manuais e compêndios didáticos e ter atuado em diversas áreas de pesquisa histórica, *História do Brasil: curso superior* é a fonte mais analisada pelos pesquisadores interessados em sua aproximação com a história,<sup>2</sup> com destaque para os trabalhos desenvolvidos na área de história da educação.<sup>3</sup> Na tentativa de explorar as contribuições do polígrafo na história da historiografia brasileira, este texto terá como proposta abordar o João Ribeiro historiador por meio da sua atuação como crítico e erudito. As fontes de referência para a discussão consiste em três artigos em que o autor anuncia o lançamento da terceira edição de *História Geral do Brasil* de Francisco Adolfo de Varnhagen

---

<sup>1</sup> Como bem demonstrou Ângela de Castro Gomes maioria dos intelectuais da Primeira República atuaram em diversas áreas do conhecimento, passando pela crítica literária, direito e história. São polígrafos que têm suas produções “entre as fronteiras fluidas de diversos campos disciplinares, esses intelectuais, em boa parte homens que viveram e acreditaram na monarquia, produzem tanto bens culturais que se servem de suportes duradouros e valorizados (basicamente os livros), como um conjunto de outros produtos, que eram difundidos em suportes ‘efêmeros’, até hoje pouco considerados pelos estudos acadêmicos (discursos, artigos de jornais e revistas, peças de teatro, etc.” (GOMES, 2009, p. 26-27).

<sup>2</sup> Sobre a marcante presença dessa fonte nos estudos realizados sobre João Ribeiro ver Rogério Rosa Rodrigues (2011).

<sup>3</sup> Excetuando o trabalho de Patrícia Hansen (2000), originalmente produzido no Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da PUC-RIO, a maioria das pesquisas sobre João Ribeiro: historiador foram realizadas nos programas de Pós-Graduação em Educação. Como exemplo vale citar Arlette Gasparello (2004), Ciro Bandeira de Melo (2008), Circe Bittencourt (2008) e Elvis Hahn Rodrigues (2011). São trabalhos extremamente relevantes, mas os problemas levantados por esses pesquisadores estão mais voltados para a área de História e Ensino que de História da Historiografia.

com anotações e comentários de Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. Os textos foram publicados no *Jornal do Brasil* (RJ) entre 1927 e 1932.

Na primeira parte deste artigo serão examinadas as investidas de Ribeiro na atividade de erudição presentes em *História do Brasil: curso superior*. Tal abordagem foi possível graças a uma introdução incorporada às primeiras edições (1900 e 1901) e reproduzida em todas as edições subsequentes desse livro.<sup>4</sup> Como será mostrado a seguir, Ribeiro demarca uma ruptura entre sua abordagem e aquelas, até então realizadas sobre a história do Brasil, tanto nos manuais didáticos, quanto na historiografia brasileira. Nesse momento, há, portanto, uma tentativa de afirmação da singularidade da sua obra em relação à historiografia oitocentista.

Ao redigir os artigos de crítica a 3ª edição de *História Geral do Brasil* entre 1927 e 1932, Ribeiro não mais investe na opção de romper com a proposta de Varnhagen. As críticas que faz à obra, sequer retomam os mesmos aspectos apresentados nas primeiras edições de seu manual; a

---

<sup>4</sup> Essa introdução tem sido atribuída à terceira edição de *História do Brasil: curso superior*. Em nota de rodapé Magalhães e Gontijo afirmam que ela passou a fazer parte do livro “desde a terceira edição, de 1908” (2009, p. 370); ao justificar o uso da edição de 1935 como base de suas análises, Elvis Hahn Rodrigues, afirma: “Sobre essa edição, podemos mencionar ainda que ela é acrescida de um prefácio da segunda edição de 1908, do próprio autor, e de uma apresentação de Tristão de Araripe sobre a relevância da obra e os diálogos teóricos que ela enuncia” (2011, p. 15). Há dois equívocos nessas referências. O primeiro é que a terceira edição do manual foi publicado em 1909, o segundo é que o prefácio – o que o autor nomeia de Introdução – já aparece na edição de 1900 e 1901 (2. Edição), sendo que o texto da introdução foi ligeiramente modificado na terceira edição. Neste momento o autor já está mais seguro da contribuição que deu a historiografia brasileira, logo, da singularidade de seu “livrinho” frente às sínteses de história do Brasil à disposição do leitor, em função disso, reafirma a inovação que promoveu no livro com acréscimos em alguns parágrafos da introdução original escrita em 1900. A confusão em relação às datas está no registro feito por João Ribeiro, que, ao fim dessa introdução inclui o seguinte registro: “22 de abril de 1900 – janeiro, 1908”. A primeira data deixa explícito o ano em que o texto foi redigido, a segunda, sugere que foi incorporada apenas na terceira edição, publicada pela Francisco Alves em 1909, mas possivelmente encaminhada à editora em 1908. No entanto, quem tem em mãos as edições da Livraria Cruz Coutinho de 1900 e 1901, pode conferir que a mesma introdução já fora incorporada ao livro. Isso justifica o fato da primeira data, aquela da redação do texto, ser abril de 1900. O prólogo assinado por Araripe Junior, por sua vez, estreia na versão de 1901. A ficha catalográfica da 3. Edição do manual pode ser acessada no site da *Library of Congress*. Disponível em: <<http://lccn.loc.gov/14004489>>. Acesso em: 4/06/2013.

escolha pela abordagem política e administrativa da história do Brasil, geralmente identificada à narrativa de Varnhagen.

Em função dessa mudança é que será empreendida uma análise dos textos de João Ribeiro no interregno entre esses dois momentos. A ideia é mostrar o João Ribeiro que investiu na atividade de erudição e, que, neste aspecto, manteve uma relação estreita com o regime historiográfico oitocentista. Não se pretende negar as singularidades da síntese efetuada por João Ribeiro a partir da publicação do seu manual didático, mas como esse tem sido o aspecto predominante nas análises realizadas de sua participação como historiador, a fuga pela continuidade, ao invés da ruptura, tem como pretensão aprofundar um aspecto pouco analisado da obra de Ribeiro, e, por conseguinte, colaborar na reflexão a construção do conhecimento histórico na Primeira República. Como a fonte de referência são os artigos publicados na imprensa, cabe em primeiro lugar, registrar sua atuação como jornalista.

### **João Ribeiro: jornalista**

Ao se referir aos intelectuais que contribuíram na publicação do suplemento *Autores e Livros* publicado no Rio de Janeiro durante a década de 1940, Ângela de Castro Gomes destaca que nesse período foi comum as atividades políticas e jornalísticas conduzirem à pesquisa histórica. Em suas palavras, “muitas vezes os estudos históricos tinham estrita relação com a atividade profissional de seu produtor, sendo elaborados com objetivos ‘práticos’ de municiar o exercício de sua atuação política no país (como é o caso de Calógeras), ou no exterior (como é o caso de Rio Branco)” (GOMES, 1996, p. 76-77). Quanto a João Ribeiro, valeria destacar que sua investida nos arquivos o aparelhava, sobretudo, para as pesquisas na área de folclore e filologia. Além disso, sua origem social e ação política destoam de intelectuais como Joaquim Nabuco, Oliveira Lima e Rio Branco, pois além de descender de família modesta, não assumiu nenhum posto no alto escalão da política nacional. Sendo assim, a pesquisa histórica atendia não tanto as suas atividades políticas, mas antes a sua paixão pela erudição. O jornalismo,

por sua vez, garantia a ele uma renda complementar, tal como se evidencia no depoimento abaixo:

João Ribeiro escrevia, para o pão de casa. Mal aquinhoado como todos os que se subsidiavam do magistério, era nas colunas dos periódicos que procurava o encontro de contas com os fornecedores. Sob as atribulações do “*jour le jour*”, escrevendo em qualquer parte, na secretaria da Academia, na sala dos professores do Internato, no primeiro canto de mesa que se lhe deparasse, custava a crer, pudesse mestre João imprimir aos seus escritos, aquele tom de sábias convicções, de tão ricos ensinamentos (DEVINELLI, 1945, p. 85).

João colaborou nos principais periódicos nacionais, entre eles o *País*, *Correio do Povo*, *Revista Sul-Americana*, *Semana*, o *Imparcial*, *Gazeta de Notícias* e *Estado de São Paulo*. Entre 1907-1914 sucedeu Ramiz Galvão na direção do *Almanaque Garnier*. Nesse período, afirma Eliana Dutra, foi responsável pelo espírito de renovação impresso no *almanaque* (DUTRA, 2005, p. 34). Laurence Hallelwell, por sua vez, informa que em 1917 Ribeiro deixou a Garnier para trabalhar na editora de Francisco Alves (HALEWELL, 2005, p. 260). Como pode ser observado, a intensa atividade jornalística sempre acompanhou a trajetória intelectual de João Ribeiro. A ela se dedicou até as vésperas de sua morte em 1934.

Ao assumir a coluna do *Jornal do Brasil* em 1926 passara quase três décadas da publicação do manual didático que lhe fornecera o reconhecimento como historiador. Nessa época Ribeiro contava 66 anos de idade. Foi nesse periódico que publicou os três artigos sobre a terceira edição de *História Geral do Brasil* de Adolfo de Varnhagen. O primeiro saiu em 7 de dezembro de 1927, o segundo em 20 de novembro de 1930 e o terceiro em 20 de janeiro de 1932.<sup>5</sup> Conforme destacado pelo crítico, desde a segunda

---

<sup>5</sup> Os artigos foram reproduzidos em João Ribeiro. *Crítica: historiadores*, organizado por Mucio Leão e publicado pela editora da ABL em 1961. O primeiro figura nas páginas 14-17, o segundo em p. 18-21 e o terceiro em p. 22-24 do referido volume. Para não confundir o

edição, ocorrida em 1868, faltava ao leitor contemporâneo uma versão atualizada com “anotações que não perturbassem o texto original” (RIBEIRO, 1961, p. 15).

Apesar do espaço de quase um ano que separa cada publicação, os três artigos de crítica não se diferem muito em sua estrutura. O autor chama a atenção dos leitores para a qualidade da impressão efetuada pela casa *Weiszflog* (Companhia Melhoramentos de São Paulo), para a importância da obra de Varnhagen na historiografia brasileira e para o cuidadoso serviço dos autores que trabalharam na elaboração das notas que marcaria a terceira edição de *História Geral do Brasil*.

O tom encomiástico é predominante em sua crítica. Varnhagen é sempre elogiado pela qualidade e profundidade da pesquisa efetuada, pela capacidade de circular pela crítica documental, pela história da ciência e da literatura e por ter deixado como herança indicações de diversos documentos e livros raros para o entendimento do Brasil. Mesmo com tantos elogios, o comentador não se furtou de criticar o estilo “difícil, fragoroso e áspero” do Visconde de Porto Seguro.

Todos os pontos ressaltados por Ribeiro destoam da crítica efetuada na *Introdução* redigida logo após a crítica favorável ao manual que publicou em 1900. Ao elencar os autores e obras de referência à confecção do seu manual, afirmou:

A [história do Brasil] de Varnhagen, ainda que a mais exata e erudita, não tem os atrativos da verdadeira história, e o seu autor é alheio a toda emoção que não seja puramente crítica, a de verificar datas, notar e descobrir os desacertos ou falhas dos que lhe desagradam” (RIBEIRO, 1901, p. 390).

Cumprir registrar que essa nota só foi reproduzida nas duas primeiras edições do manual, sendo retirada das versões seguintes. Apesar do

menoscabo, o autor elogia as marcas da exatidão e da erudição impressas na obra.

Se o tempo é a principal categoria do historiador, convém situar os pronunciamentos em seus respectivos contextos para propor uma explicação para a mudança de ênfase efetuada por João Ribeiro acerca de Varnhagen e sua obra. Cabe também investir no próprio caráter performativo de textos formulados em prólogos, prefácios e crítica jornalística e colocá-los à prova com a produção geral do autor ao longo do tempo, em síntese, não confiar apenas no que diz, mas buscar, por meio de sua prática como intelectual, identificar concepções, rupturas e permanências com a historiografia em curso.

### **A herança do passado no manual de João Ribeiro**

Na introdução das primeiras edições de *História do Brasil: curso superior*, João Ribeiro delimita a fronteira que separa a sua abordagem das existentes. Sobre isto fez a seguinte afirmação:<sup>6</sup> “Em geral, os nossos livros didáticos da história pátria dão excessiva importância à ação dos governadores e à administração, puros agentes (e sempre deficientíssimos) da nossa defesa externa” (RIBEIRO, 1935, p. 18).<sup>7</sup> A crítica parece recair sobre o manual de Joaquim Manoel de Macedo, que por sua vez foi marcadamente influenciado pela narrativa de Varnhagen.<sup>8</sup>

Empolgado com o reconhecimento público do que ele mesmo nomeou como “livrinho que o povo levou a sério”, estende a singularidade de sua obra ao próprio rol da historiografia brasileira:

---

<sup>6</sup> Maioria das citações de *História do Brasil: curso superior* foram retiradas da 13ª edição (1935). No entanto, elas foram cotejadas com a edição de 1901 e 1909 para assegurar que faziam parte das preocupações do autor desde o lançamento do livro.

<sup>7</sup> Essa citação faz parte redação original da introdução, efetuada em abril de 1900.

<sup>8</sup> Sobre o assunto há uma vasta bibliografia com destaque para os trabalhos de Arlette Gasparello (2004), Ciro Bandeira de Melo (2008) e Circe Bittencourt (2008).

Ninguém, antes de mim, delineou os focos de irradiação da cultura e civilização do país; *nenhum dos nossos historiadores ou cronistas* seguiu outro caminho que o da cronologia e da sucessão dos governadores, caminho seguro, mas falso em um país cuja história se fazia ao mesmo tempo por múltiplos estímulos em diferentes pontos” (RIBEIRO, 1935, p. 19, grifos meus).<sup>9</sup>

O tom em que o autor triunfantemente anuncia sua ruptura com a historiografia em curso – “ninguém, antes de mim” –, tem sido muito destacado pelos pesquisadores recentes. Mas caberia verificar além das rupturas anunciadas, as permanências existentes entre a prática da pesquisa e abordagem histórica efetuada por Ribeiro em relação aos historiadores que o antecederam. Ao virar as páginas do prólogo e seguir com atenção a leitura do manual didático é possível encontrar as marcas dessa permanência.

Ao longo da *História do Brasil: curso superior* o nome de Varnhagen aparece diretamente cinco vezes.<sup>10</sup> Na primeira, concede a ele a primazia de ter identificado o local de desembarque de Vicente Pinzón na costa brasileira em 1500: “Varnhagen entende que o cabo de Santa Maria de *la Consolacion* á a ponta de Mocuripe (Ceará), e o Rostro Hermoso será a ponta de Jererecuara” (RIBEIRO, 1935, p. 27). O exercício de identificação dos locais exatos descritos na documentação da época requeria uma laboriosa atividade de pesquisa e interpretação dos textos, além de profundo conhecimento de geografia. Uma tarefa complicada que fazia parte da atividade erudita que Ribeiro tanto admirava em Varnhagen.

Mas não seria apenas para referendar as pesquisas de Varnhagen que Ribeiro o citaria. No corpo do manual faz correções à obra:

---

<sup>9</sup> Esse fragmento foi acrescentado a redação do texto introdutório de 1908, não constando, portanto, na versão original de 1900.

<sup>10</sup> Essa referência a Varnhagen não possui a mesma recorrência na publicação de 1901. Nesta edição, muito próxima daquela do lançamento em 1900, seu nome é mencionado diretamente duas vezes. A terceira edição foi corrigida e atualizada pelo autor e, a partir dela, é que foram inseridas duas notas de rodapé e mais uma referência a Varnhagen no corpo do texto.

O nosso historiador Varnhagen, talvez um pouco vaidosamente, para justificar o seu título (já então o possuía) de visconde de Porto Seguro, procurou demonstrar que o primeiro desembarque de Cabral não foi na Coroa Vermelha, ilhéu da baía de Santa Cruz, mas no atual Porto Seguro (RIBEIRO, 1935, p. 34).<sup>11</sup>

Ao corrigir aquilo que denominou de “erros de dedução” sobre o local de desembarque da frota de Cabral, João Ribeiro inclui a prática da pesquisa erudita no interior do próprio manual didático. Ele retoma a leitura da carta de Caminha e a complementa com a descrição de Gabriel Soares de Sousa. Por meio desse procedimento é que questiona e corrige o Visconde de Porto Seguro:

O ilhéu da Coroa Vermelha daquela baía não deixa a menor dúvida que é o mesmo descrito pelo escrivão da armada [...], sendo o carão da praia fechado por um recife. Essa é a opinião de Mouchez, Rohan, sem falar em antigas autoridades da geografia pátria como Aires de Casal, entre todas (RIBEIRO, 1935, p. 34).<sup>12</sup>

Corrigir os erros de “dedução” de Varnhagen não significava efetivamente romper com sua narrativa, ou mesmo desconhecer o seu valor para a historiografia brasileira. Ao tratar da independência do Brasil, no mesmo manual, mas a partir da terceira edição, Ribeiro destaca em nota de rodapé: “Obras capitais acerca da independência a de Oliveira Lima e a história póstuma de Varnhagen” (RIBEIRO, 1935, p. 444). Essa é quarta menção ao autor de *História Geral do Brasil* no manual didático.

O momento em que tece crítica mais árdua à Varnhagen diz respeito ao fato de ter silenciado diante dos abusos cometidos pelos paulistas em relação ao empreendimento das bandeiras. A reprovação aparece em nota de rodapé com o seguinte texto: “Dois historiadores, Varnhagen e frei Gaspar, são favoráveis, ou pelo menos, condescendentes com o procedimento dos

---

<sup>11</sup> Essa citação já se faz presente na edição de 1901, p. 12.

<sup>12</sup> Essa citação já se faz presente na edição de 1901, p. 13.

paulistas. É possível que a história se faz quase sempre à custa dos mais estranhos crimes que o historiador imparcial deve reprová-los” (RIBEIRO, 1935, p. 258).<sup>13</sup>

Como pode ser observado nesses exemplos, em nenhum momento a crítica recai sobre a forma como a obra de Varnhagen foi construída, mas sobre aspectos específicos, que não são mais que o confronto de novas fontes e o maior conhecimento de determinados episódios do passado firmados por meio do próprio desenvolvimento da pesquisa histórica no Brasil. Por meio da leitura atenta das fontes de referência para a construção da história do Brasil que fundamenta suas ideias, corrige e atualiza Varnhagen, ou seja, as atividades da erudição são articuladas no interior do próprio manual e se tornaria elemento de destaque nas produções de João Ribeiro.

No que diz respeito ao uso da erudição, Ribeiro está mais próximo de Varnhagen do que a introdução redigida em 1900 e ligeiramente modificada em 1908 sugere. Ele não escapa ao regime historiográfico oitocentista brasileiro, valendo-se dos mesmos instrumentos de crítica utilizados pelo Visconde de Porto Seguro para corrigi-lo. Desde seu lançamento em meados do século XIX a obra de Varnhagen vinha se destacando como uma das maiores contribuições à historiografia brasileira. O necrológio de Varnhagen escrito por Capistrano de Abreu e publicado no *Jornal do Comércio* em 1878, bem como o “Elogio do Visconde de Porto Seguro” escrito por Oliveira Lima em 1903 ajudaram a manter viva a sua contribuição às gerações futuras. As críticas recebidas por Ribeiro após publicação do manual didático em 1900 fizera com que revisse sua posição. A revisão que fez do livro em 1908 registra um primeiro momento de mudança de perspectiva. Ele não negligencia mais a contribuição de Varnhagen para a história do Brasil, mas também não deixa de corrigi-lo e atualiza-lo.

A ocasião do lançamento da terceira edição de *História Geral do Brasil* em 1927 confirmaria o segundo momento de sua mudança de perspectiva. Como será explorado abaixo, nesse período Ribeiro mantém o elogio à

---

<sup>13</sup> Nota inserida a partir da terceira edição.

erudição do autor, apaga a ideia de que sua obra foi escrita para apontar as falhas de seus desafetos e reitera sua crítica a narrativa histórica.

Tanto o reconhecimento público de Varnhagen como historiador, a permanência de sua obra como esteio fundamental da história nacional, o reconhecimento do papel que teve como o historiador mais erudito do Brasil, assim como o lançamento da edição atualizada e comentada de sua obra pesaram para que João Ribeiro redigisse uma matéria em que o tom não era mais do de afastar-se da historiografia inspirada em Varnhagen, mas reconhecer e exaltar seus méritos como historiador.

Além disso, é preciso reconhecer que no momento de redação da famosa introdução que marcou o discurso de singularidade de sua obra, Ribeiro fazia ressoar os próprios elogios recebidos ao manual,<sup>14</sup> pois foi graças ao *História do Brasil: curso superior* que ficou reconhecido na arte de fabricar história. Nesse momento, era fundamental firmar-se como historiador e, tal como manda o protocolo, o prefácio cumpre bem esse papel.

### **Elogio à erudição**

Nos textos jornalísticos dos anos 1920 e 1930 João Ribeiro eleva Varnhagen ao panteão dos grandes historiadores universais: “O século XIX foi o século dos historiadores, de Macaulay, de Michelet, de Herculano, de Ranke e Treitschke e também de Varnhagem” (RIBEIRO, 1961, p. 18). Afirma que “sua história é um monumento”, e arremata: “o que ele fez merece o nosso respeito, tanto melhor quanto depois dele ninguém poderia disputar-lhe essa primazia” (RIBEIRO, 1961, p. 23).

---

<sup>14</sup> Como afirmado acima, a partir da segunda edição, 1901, foi incorporado ao manual um prefácio escrito por Tristão Alencar de Araripe Junior intitulado “João Ribeiro: filólogo e historiador”. A matéria do crítico autenticava a qualidade do livro, tanto pelo que dizia, quanto pela autoridade do autor. A opinião desse crítico era tão importante que abaixo do nome e identificação de Ribeiro como professor do Ginásio Nacional, o editor inclui o seguinte registro na capa: “Com um prólogo de Araripe Junior”.

As notas destoam bastante da introdução redigida em 1900. Elvis Rodrigues também atentou para a mudança e chamou a atenção para os elogios efetuados ao livro nas matérias críticas publicadas na imprensa entre 1927/1932: “poderíamos dizer que o tom laudatório é antes um convite para leitura de a *História Geral do Brasil*, um cânone da historiografia brasileira, em vez de sepultar a obra ao esquecimento, pois era o lançamento da terceira edição no ano de 1927” (RODRIGUES, 2011, p. 70-71).

Além de um convite para a leitura, valeria destacar a sinceridade de Ribeiro nos elogios que tece à erudição, afinal, desde as primeiras edições de *História do Brasil: curso superior* não deixou de se observar essa qualidade em Varnhagen.

Ao que parece, o escritor tinha consciência das diferenças existentes entre a elaboração de um manual didático e uma história geral do Brasil. Para a segunda empreitada, a tarefa ia além da síntese promovida por um material que tinha como função preparar os jovens brasileiros à formação patriótica e humanística. A fabricação de uma história do Brasil exigia a tarefa hercúlea da escavação documental e de novos métodos e instrumentos da ciência para sistematizar os fatos recolhidos.

Uma pista para o reconhecimento da fronteira que separava as duas atividades, estaria no fato de que em nenhum momento João Ribeiro tomara para si o projeto de elaborar uma nova narrativa histórica nos moldes daquela empreendida pelo Visconde de Porto Seguro. Quando pensa elucubra sobre a possibilidade de haver um Varnhagen no século XX, Ribeiro deixa ecoar uma opinião comum à sua geração: “Capistrano podia ser o seu sucessor, mas era antes um pesquisador elegante sem coragem e sem vontade talvez de escrever a história geral que todos esperavam da sua enorme capacidade e compreensão” (RIBEIRO, 1961, p. 23). A menção ao nome de Capistrano se deve ao fato de reconhecer nele as mesmas características admiradas em Varnhagen: profundo conhecimento sobre o acervo documental e vocação para arqueólogo.

Merece destaque o fato de que nas evocações que faz à erudição, Ribeiro aproxima essa atividade, e o personagem que a executa, do antiquário. Segundo Arnaldo Momigliano o antiquário seria o sujeito que “se

interessa pelos fatos históricos, sem se interessar pela história” (MOMIGLIANO, 2004, p. 85). Nessa perspectiva, a atividade exercida por esse “amante do saber” é relacionada a homens que conheciam profundamente as minúcias de antanho, passavam anos pesquisando um aspecto específico, eram devotados a livros e documentos raros, apegados à busca da verdade, aficionados pelo colecionismo, mas raramente se dignavam a pensar a história de forma filosófica. Eles tinham profunda paixão por tudo que dizia respeito às ciências e as artes e nutriam sua curiosidade com argumentos empíricos baseados nas pesquisas sobre o passado. Embora focado no contexto europeu entre os séculos XVI e XVIII, guardada as devidas proporções, essa imagem parece próxima daquela de João Ribeiro.

Como ex-funcionário da Biblioteca Nacional e ávido leitor de obras raras, sua trajetória e atividade de pesquisa no campo da erudição o aproxima da imagem do antiquário tal como evocada por Momigliano.<sup>15</sup> Mas o que Ribeiro entendia por erudição? Ao longo das matérias jornalísticas ele vai revelando sua concepção:

A erudição de Varnhagen era, porém, segura e meticulosa. Conhecía todas as fontes da nossa história, quanto era possível conhecê-las no seu tempo. Por isso é que a sua história é um monumento, conforme o queria a sua vaidade por vezes doentia e pueril, mas não de todo infundada e por ele sempre encarecida, além do que seria razoável se a modéstia própria e justiça para com os seus precursores fossem elementares virtudes do seu espírito (RIBEIRO, 1961p. 23).

---

<sup>15</sup> Outro exemplo dessa proximidade está no colecionismo e paixão por obras raras. Seu principal biógrafo, Mucio Leão, afirma que Ribeiro tinha sua biblioteca como o bem mais precioso. Difícil mensurar exatamente a quantidade e qualidades dos livros existentes em seu espólio pessoal, mas seus textos deixam pistas sobre a leitura de obras raríssimas. Além disso, o autor demonstra sua vocação para bibliógrafo e antiquário ao redigir um artigo sobre o catálogo da biblioteca de Oliveira Lima, divulgado por ocasião de sua morte e publicado no *Jornal do Brasil* em 7 de dezembro de 1927 (RIBEIRO, 1961, p. 115-117).

A monumentalidade da obra de Varnhagen, logo, sua aquisição como conhecimento para sempre, estaria ligada a pesquisa que fizera em arquivos internacionais sobre fontes da história do Brasil. Ele complementa: “a sua vocação de erudito e arqueólogo estendia-se à poesia, ao romance e à literatura medieval” (RIBEIRO, 1961, p. 19).

Sempre a erudição relacionada à escavação arqueológica que permite fazer novas descobertas por sobre as camadas de documentos soterradas pelo tempo. Mas, além disso, ela também é apresentada como a capacidade de fazer a crítica e apreciação dos fatos. O elogio de João Ribeiro é estendido aos responsáveis pela edição crítica da obra: “[Rodolfo Garcia] Menos digressivo que Capistrano, é bem digno do seu predecessor, pela *segura erudição* que revela na crítica, a apreciação dos fatos e pesquisa de novos documentos esparsos por inúmeros livros, revistas e periódicos” (RIBEIRO, 1961, p. 16, *grifo meu*).<sup>16</sup>

Esse reconhecimento é repetido nos três artigos de crítica publicados no *Jornal do Brasil*. Capistrano e Rodolfo aparecem ceando na mesma mesa que Varnhagen. Comungam os mesmos prazeres pela pesquisa, pelo gosto de buscar novos documentos, analisar a procedência e veracidade das obras, desvendar o seu conteúdo por meio da localização exata dos fatos e situações descritas nos documentos. Como visto acima, o exercício da erudição já estava presente em seu manual didático, mas vela destaca-lo em outras obras do autor.

---

<sup>16</sup> Como tem sido observado pelos pesquisadores dedicados a compreender a contribuição de Varnhagen na historiografia brasileira, a iniciativa de organizar uma edição atualizada e comentada de *História Geral do Brasil* partiu de Capistrano de Abreu. Firmado em suas correspondências, Fernando Amed destaca que o trabalho teve início em 1902, mas foi interrompido em 1907 após incêndio na Companhia Tipográfica Nacional que destruiu parte considerável de suas anotações (AMED, 2011, p. 126). Tempos depois Rodolfo Garcia retomou o projeto e lançou a terceira edição que motivou as matérias publicadas por Ribeiro no *Jornal do Brasil*.

### João Ribeiro: erudito

Embora mais lembrado como o autor do manual didático, não pode passar despercebida a contribuição de Ribeiro no campo da erudição. Essa atividade se destaca na maioria das suas publicações. Além da investida em diversas áreas do conhecimento, o autor examina obras raras, viaja no tempo para fundamentar seus argumentos e busca referências em latim, inglês, alemão, italiano e francês. Entre os exemplos, vale citar o ensaio intitulado: “Do gênio de Cristóvão Colombo” publicado em *Cartas Devolvidas* (1926).<sup>17</sup>

O livro tem como ponto de partida a construção de correspondências ficticiamente remetidas – e devolvidas – a amigos, escritores do passado e jovens sem nome. Trata-se de artifício encontrado por Ribeiro para “prosear” sobre assuntos de seu interesse, o que é feito com a intimidade que uma carta proporciona. A missiva sobre o “gênio de Colombo” é endereçada ao “caro mestre Heródoto”. Na verdade, ele titubeia sobre o verdadeiro destinatário:

É Heródoto que sois? Heródoto ou Heráclito? não alcancei desemaranhar a vossa assinatura. A dúvida não importa. Se Heráclito chorava sobre as ruínas do mundo, Heródoto as restituía à luz, tirando-as do pó, o que é quase o mesmo que as tirar do nada. Contudo, pareceis Heródoto, porque tendes a simplicidade de contar o que vistes, sabendo ver. A vossa carta é um exemplar de singeleza e de boa fé. Não posso, porém, crer no que dizeis com tão imperfeita informação, a saber, que os portugueses sempre reconheceram a originalidade de Colombo e que é já tarde para vir a desoras negar a predestinação daquele gênio (RIBEIRO, 1960, p. 149).

Como pode ser visto, a carta é um pretexto lúdico para o autor debater um tema de seu interesse. Ela antecipa um aspecto importante de sua

---

<sup>17</sup> A primeira edição da obra data de 1926 pela editora portuguesa Chardon, no entanto, todas as citações reproduzidas abaixo foram retiradas da segunda edição, publicada pela Livraria São José em 1960.

formação: o diálogo com os antigos. Ribeiro contesta a tese de que os navegadores portugueses teriam reconhecido a originalidade e primazia de Cristóvão Colombo ao descobrir o novo mundo. Começa com alguns argumentos históricos “Eram inúmeras as profecias e as lendas que vinham da Antiguidade e do Medievo. São conhecidos os versos de Sêneca, sempre lembrados” (RIBEIRO, 1960, p. 150). Costura a afirmação com exemplos colhidos em São Clemente de Alexandria, São Jerônimo, Plínio, o Antigo e Gaio Julio Solino e completa com uma passagem em italiano da *Divina Comédia*. Não bastasse as referências retiradas do acervo intelectual de escritores latinos para demonstrar a familiaridade dos portugueses com a existência do mundo além mar, recorre ainda ao livro *Várias Antiguidades* publicado em Lisboa no ano de 1625. A obra e o autor, um antiquário português chamado Gaspar Estaço, parece ser bem familiar a Ribeiro, pois ele menciona aspectos pontuais do texto: “Neste livro curioso e opulento de informações várias sobre a terra portuguesa, vemos discutida em dois capítulos a questão da originalidade de Cristóvão Colombo” (RIBEIRO, 1960, p. 152). Após citar romanos, italianos e portugueses, fundamenta suas ideias em outros autores, agora cronistas espanhóis como Joseph da Costa, Illescas e López de Gomara. Ressalta que tanto os portugueses quanto Colombo estavam informados sobre a possibilidade de existência do Novo Mundo, e que, portanto, conclui o autor: “contesto e declaro ser destituída de valor a atribuição, que ligeiramente fazeis aos velhos navegantes portugueses, de assentir e reconhecer a singular maravilha da expedição colombina. Tal não se deu” (RIBEIRO, 1960, p. 154). A leitura nas fontes são demonstradas por citações em latim, italiano e espanhol, o que confirma não apenas a leitura direta dos textos citados, como o acesso a obras raras. Características, como dito acima, que remetem ao exercício da erudição e antiquariado.<sup>18</sup>

Em síntese, ao elogiar a erudição de Varnhagen, João Ribeiro destacava o mérito da pesquisa realizada em arquivos, o que denominou de

---

<sup>18</sup> O domínio que João Ribeiro possuía do latim aparece em diversos dos seus ensaios. Seu biógrafo, Mucio Leão, afirma que além conhecer essa língua, também tomava aulas de grego com o Barão de Tautphoeus (LEÃO, 1962, p. 44).

arqueologia documental, mas também deixava vestígios que comprova as afinidades existentes entre ele, os comentadores da *História Geral do Brasil* e aquele que seria o precursor e mestre dessa geração: Adolfo de Varnhagen. Não seria exagero afirmar que neste quesito, Ribeiro se projeta no Visconde de Porto Seguro. Mas, conforme a concepção de Ribeiro, uma obra de história não se afirma como monumento para a eternidade apenas pela erudição, era preciso aliar todo material encontrado e analisado a um estilo leve e elegante.

### **Apontamentos sobre a narrativa histórica**

Se a narrativa histórica dependia diretamente da diversidade de documentos, bem como qualidade da pesquisa, ela se completaria com a escrita. Nesse aspecto, os elementos literários desempenhariam, na concepção de Ribeiro, papel fundamental no *métier* do historiador. No ofício da crítica, e tendo como palco o *Jornal do Brasil*, João Ribeiro não deixaria de analisar o estilo do Visconde de Porto Seguro. “Não era Varnhagem um escritor agradável nem elegante no tempo em que eram modelos Alexandre Herculano, Macaulay e Michelet, para não citar outros vultos universais que deram à história o encanto do estilo e da forma, sem prejuízo da erudição” (RIBEIRO, 1961, p. 23).

Dedicado leitor de história e literatura, na citação acima João Ribeiro expõe as suas referências na arte de fabricar história. Poderia repetir os nomes de Ranke e Treitschke lembrados na matéria de 1930 e omitidos no texto de 1932, mas parece ter optado por ressaltar os autores mais familiares ao leitor dos jornais da época.

Todos os “vultos universais” citados partilhavam de ideia semelhante sobre a narrativa histórica. Isso fica evidenciado, a título de exemplo, na frase do britânico Macaulay: “A história, pelo menos no seu estado de perfeição ideal, é um misto de poesia e filosofia. Imprime no espírito verdades gerais por meio da representação viva de certos personagens e incidentes” (*Apud* GONÇALVES, 2010, p. 211).

Não cabe aqui investir na análise literária do texto de Varnhagen, mas identificar o quanto os apontamentos de Ribeiro a esse respeito revelam os fundamentos sociais e teóricos de sua concepção de história. Como vimos, a erudição figurava em primeiro plano. Ela que qualificaria o autor no rol dos grandes “vultos universais”, tanto que, mesmo faltando um estilo “agradável e elegante”, nem por isso deixou de incluir Varnhagen entre os grandes historiadores do século XIX. No entanto, sem uma narrativa leve e equilibrada o texto do historiador poderia se tornar pouco atraente ao leitor e, conseqüentemente, não fazer jus aos anos de pesquisa e descobertas documentais efetuados pelo pesquisador.

Ainda no campo da forma, ou mais precisamente no exame do estilo, Ribeiro acrescenta mais um elemento em sua crítica: “A Varnhagem, que era um sábio, faltava a elegância da expressão. Não me refiro, já se percebe, a essa *eloquência* que, se não tem estragado muitas obras nacionais, é que elas realmente nada têm a perder” (RIBEIRO, 1961, p. 16).

A eloquência é diferenciada da “elegância de expressão”, mas não deixa de ser um atributo importante para a narrativa histórica. Conforme os manuais de retórica da antiguidade, ela diz respeito à capacidade de argumentar, de convencer o outro, atividade ligada diretamente à figura do orador. A ironia de Ribeiro ao se referir ao fato de que algumas obras nacionais seriam prejudicadas pela eloquência, parece dizer respeito àquelas que estão antes para a arte do convencimento que para instrução por meio de pesquisa erudita e estilo elegante.

Se Varnhagen não possuía a leveza do estilo, ao menos, no julgamento do crítico, tinha como mérito a pesquisa documental e o fato de não fazer de sua obra um púlpito para impor suas ideias de forma combativa, e até deselegante e grosseira, como era comum, por exemplo, nos acalorados debates políticos. Coerente com o pensamento dos antigos, Ribeiro acreditava que o ofício do historiador não poderia ser confundido com o do orador. Isso porque, além de instruir pela verdade, em sua opinião a história deveria tocar o espírito do leitor, tal como se observa em outro fragmento da mesma crítica publicada em 1927: “Faltava-lhe [a Varnhagen] aquele ritmo que torna agradável a leitura. Era pesado, demasiado grave ou severo, sem a

graça ou a sutileza dos pensamentos. *Contentava-se de instruir, sem a preocupação de deleitar*” (RIBEIRO, 1961, p. 16, grifos meus).

Se a preocupação com a pesquisa erudita remete aos parâmetros estabelecidos pela historiografia do século XIX, os referentes ao estilo e eloquência se aproximam do receituário proposto pela tradição de escrita da história na Antiguidade. Fatores estes, reformulados e apropriados pelos historiadores oitocentistas, os quais João Ribeiro leu em sua língua original, tais como Michelet, Ranke e Macauley, citados acima. Mas além desses, também era leitor dos clássicos, especialmente Tito Livio, Tácito, Suetônio, Quintiliano, Heródoto, Plutarco e Cícero.

Essa familiaridade com os antigos já se faz notar na construção de uma obra do autor raramente citada, o manual *História Antiga: Oriente e Grécia* (1892). Ele declara ter tomado como guia Heródoto, historiador que Cícero nomeou como “pai da história” e que geralmente foi exaltado na posteridade antes pela sua narrativa que pelo compromisso com a verdade.<sup>19</sup> Heródoto também aparece nas *Cartas Devolvidas*, conforme ensaio citado acima. Eis aqui outro ponto de convergência entre Ribeiro e os antigos.

Leitor que era do político romano, e ao que tudo indica, no vernáculo, vale citar literalmente o registro feito por Cícero ao tratar da história: “Quanto à economia da linguagem, deve-se perseguir um gênero oratório difuso e arrastado, que flua regularmente com uma certa suavidade, sem essa aspereza própria ao tribunal e sem os agulhões que as fórmulas têm no fórum.” (CICERO *apud* HARTOG, 2001, p. 151). Aqui os critérios utilizados por Ribeiro para analisar o estilo de Varnhagen aparecem quase literalmente: linguagem clara, fluente e suave, ao mesmo tempo em que distante daquela eloquência que pode comprometer a forma do texto. Por fim, amor pela verdade e capacidade de instruir e deleitar o leitor.

A presença dos autores clássicos sobre a escrita do Brasil no século XIX tem sido confirmada por pesquisas recentes. Temístocles Cezar observa que o *topos história magistra vitae* vinculado ao nome de Cícero é evocado desde as primeiras atividades do IHGB. Conforme registrou,

---

<sup>19</sup> Sobre o assunto ver: MOMIGLIANO, 2004, p. 53-83.

É importante notar que, diferentemente do movimento historiográfico europeu, no caso brasileiro o *topos* mantém-se como um princípio organizador de boa parte da produção intelectual oitocentista, sendo pouco perceptível sua dissolução em consequência da ideologia do progresso, o que não significa que ele seja hegemônico em sua forma ideal-tipo, mas surge aqui e acolá matizado, modificado (CEZAR, 2011, p. 97).

No que diz respeito à referência aos autores da antiguidade, João Ribeiro novamente se aproxima do regime historiográfico oitocentista brasileiro. Esse é um aspecto ainda não explorado pelos pesquisadores que se debruçaram sobre sua obra. No entanto, vale observar que a influência dos antigos em Ribeiro se apresenta mais pela questão da forma – “como se deve escrever a história” - do que efetivamente sobre o *topos historia magistra vitae* que se faz notar na produção da história levada a cabo pelo IHGB durante o século XIX. O autor não despreza essa função da história, mas efetivamente não foi esse o teor dos elogios e críticas que formulou a Varnhagen e sua obra.

Se na prática da erudição João Ribeiro se curva e reverencia o Visconde de Porto Seguro, na arte da escrita dele se distancia. Um exame mais detalhado da narrativa do próprio João nos textos em que se aventurou na fabricação da histórica, seria proveitoso para conferir se conseguiu aplicar o que tanto valorizou nos grandes vultos da história universal e lamentou em Varnhagen.

## Referências

- ABREU, Capistrano de. Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. In: *Ensaio e Estudos*. 1. Série, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- AMED, Fernando. Ser historiador no Brasil: João Capistrano de Abreu e a anotação da História Geral do Brasil de Francisco Adolfo de

- Varnhagen. In: NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das *et. al* (orgs.) *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: FGV, 2011, p. 125-150.
- BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- CEZAR, Temístocles. Lições sobre a escrita da história: as primeiras escolhas do IHGB. A historiografia brasileira entre os antigos e os modernos. In: NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das *et. al* (orgs.) *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: FGV, 2011, p. 93-124.
- CÍCERO. Do orador. In: Hartog, François (org.). *A história de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 145-151.
- DEVINELLI, Carlos. *Diretrizes de João Ribeiro* (ensaio crítico). Rio de Janeiro: Zelio Valverdi, 1945.
- DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- GASPARELLO, Arlette Medeiros. *Construtores de identidades: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira*. São Paulo: Iglu, 2004.
- GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- GONÇALVES, Sérgio Campos. Macaulay. História. In: MALERBA, Jurandir (org.). *Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX*. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p.
- HALEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 2005.
- HANSEN, Patricia. *Feições e fisionomia. A história do Brasil de João Ribeiro*. Rio de Janeiro: Access, 2000.
- LEAO, Mucio. Prefácio. In: RIBEIRO, João. *Crítica: clássicos e românticos brasileiros*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1952.
- LEAO, Mucio. *João Ribeiro*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1962.
- MELO, Ciro Flavio de Castro Bandeira de. *Senhores da história e do esquecimento*. Belo Horizonte: Argymentum, 2008.

- MAGALHÃES, Marcelo e GONTIJO, Rebeca. O presente como questão: A República nas histórias do Brasil de João Ribeiro (1860-1934) e a proposição de uma ética da atualidade. In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos *et al.* (orgs.) *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 367-389.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru/SP: EDUSC, 2004, p. 85-118.
- RIBEIRO, João. *Cartas devolvidas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960. [1ª Edição 1926]
- \_\_\_\_\_. *Crítica: historiadores*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1961.
- \_\_\_\_\_. *História do Brasil: curso superior*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cruz Coutinho, 1901.
- \_\_\_\_\_. *História do Brasil: curso superior*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1935.
- RODRIGUES, Elvis Hahn. *Entre raças e territórios: os projetos de nação na História do Brasil de João Ribeiro*. 2011, 146f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora-MG. Juiz de Fora, 2011.
- RODRIGUES, Rogério Rosa. João Ribeiro e a historiografia brasileira: percursos e perspectivas. In: *Caderno de resumos & Anais do 5º Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual*. Ouro Preto: EDUFOP, 2011. Disponível em: <<http://www.seminariodehistoria.ufop.br/ocs/index.php/snhh/2011/paper/viewFile/955/366>>. Acesso em: 08/12/2011.